

Sexta-Feira, 19 de Junho de 2026

Protestos agravam incerteza na Venezuela; veja o que sabemos

Oposição acusa Nicolás Maduro de manipulação eleitoral e comunidade internacional diverge sobre pleito

Venezuelanos de todo o país saíram às ruas na segunda-feira (29) para protestar contra uma eleição disputada, entrando em confronto com a polícia enquanto a incerteza gira em torno dos resultados em meio a alegações de fraude eleitoral.

A eleição de domingo foi a mais importante em anos, com o futuro da Venezuela em jogo.

Muitos jovens apoiadores da oposição disseram que deixariam o país se o líder autoritário Nicolás Maduro fosse reeleito, apontando para o colapso devastador da economia do país e a repressão violenta sob o seu governo. Mas a oposição também se mostrou energizada, apresentando ao establishment governante o seu maior desafio em 25 anos.

Embora Maduro tenha prometido eleições justas e livres, o processo foi marcado por alegações de irregularidades – com figuras da oposição detidas, o principal líder da oposição proibido de concorrer, meios de comunicação bloqueados e venezuelanos estrangeiros em grande parte impossibilitados de votar.

É por isso que, embora Maduro tenha sido formalmente nomeado vencedor pelo órgão eleitoral do país – que é constituído pelos aliados do presidente – a oposição rejeitou os resultados e outros líderes latino-americanos se recusaram a reconhecer a sua vitória.

Aqui está o que você precisa saber:

Quem está concorrendo contra quem?

Maduro está no poder desde a morte de seu antecessor, Hugo Chávez, em 2013. Se ele assumir novamente o cargo, será o seu terceiro mandato consecutivo de seis anos e a continuação do “Chavismo”, a ideologia populista de esquerda que leva o nome do antigo líder.

Do outro lado está um movimento de oposição unificado que superou as suas divisões para formar uma coalizão. A sua campanha energizada alimentou a esperança entre uma população desiludida que estava desesperada por mudanças, num país numa situação econômica tão difícil que cerca de 8 milhões de venezuelanos fugiram para o exterior.

O candidato da oposição, o antigo diplomata Edmundo González, assumiu o cargo depois de a líder muito popular María Corina Machado ter sido impedida de concorrer, na sequência de alegações de que ela não incluiu recibos de ganhos com benefícios alimentícios na declaração do imposto de renda.

Mas muitos ainda a veem como uma força motriz por trás da oposição, que prometeu restaurar a democracia na Venezuela e reconstruir a sua outrora impressionante economia se vencesse.

Quem ganhou?

Os resultados são contestados. Oficialmente, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) declarou Maduro o vencedor na noite de domingo, com 80% dos votos contados. Disse que Maduro obteve 51,2% dos votos, enquanto González recebeu 44,2% dos votos.

A CNE ainda não divulgou a contagem final dos votos.

Mas a oposição rejeitou os resultados, alegando que as suas próprias contagens mostravam que González tinha vencido. Na segunda-feira, eles disseram ter obtido mais de 73% dos editais mostrando mais de 6 milhões de votos para González e apenas 2,7 milhões para Maduro.

Falando na capital, Caracas, González e Machado disseram que todas as suas contagens foram verificadas e partilhadas online para o público e os líderes globais verem – algo que os líderes mundiais e figuras da oposição apelaram à CNE.

Quais são as alegações de crime?

Os líderes da oposição denunciaram supostas irregularidades no domingo (28) enquanto os votos eram processados e contados.

A oposição disse que foi negado às suas testemunhas o acesso à sede do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) durante a contagem dos votos; a sua presença deveria garantir transparência e justiça.

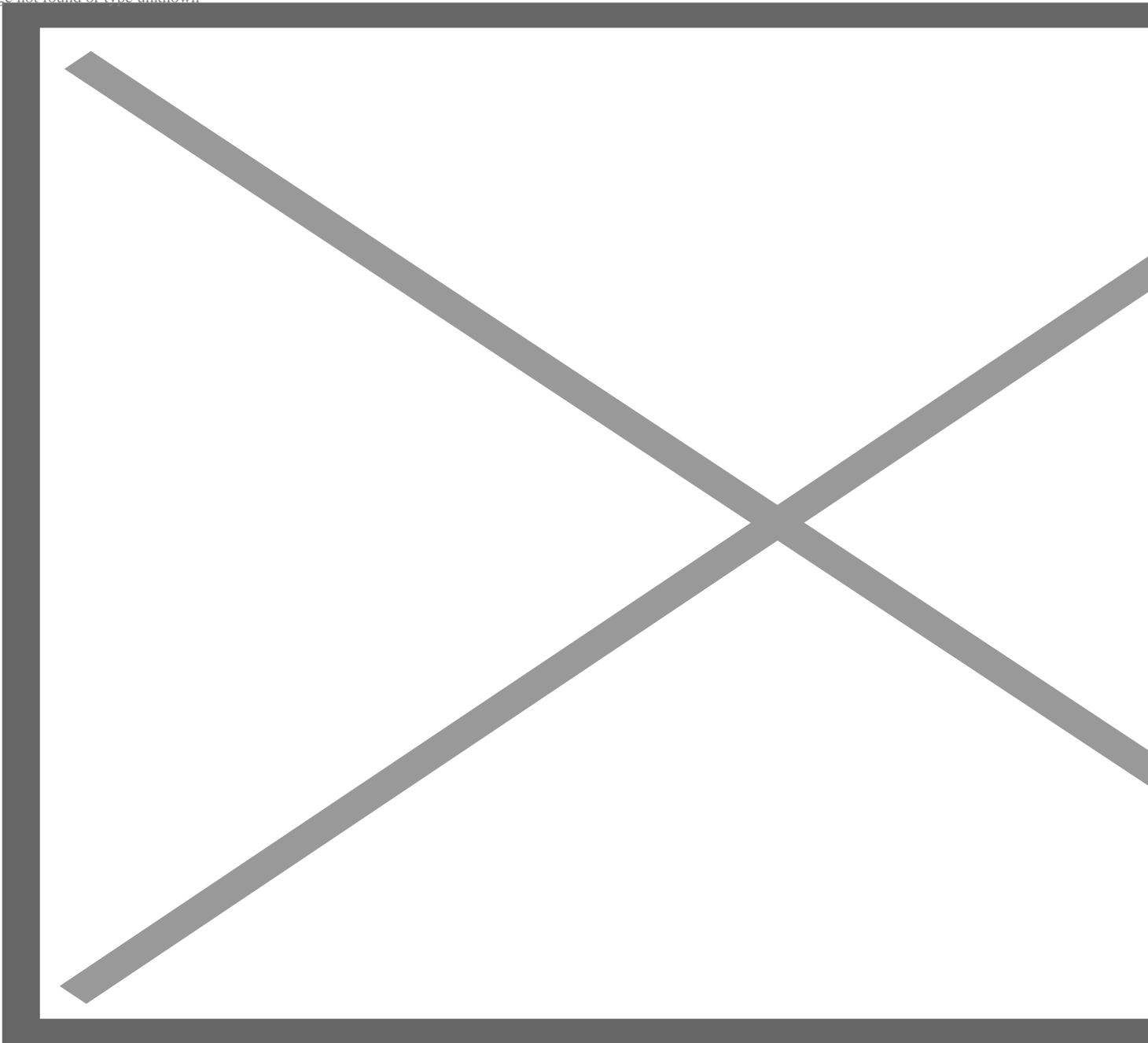
Apenas um número muito limitado de observadores eleitorais foi autorizado a monitorar a votação. Entre eles, o Carter Center, que apelou à CNE para publicar os resultados detalhados dos votos, dizendo que a informação era “crítica para a nossa avaliação”. Nesta terça-feira pela manhã, a entidade cancelou a divulgação de um relatório sobre a lisura da disputa e decidiu retirar sua equipe da Venezuela, mostrou a CNN.

As Nações Unidas também estiveram presentes, tendo um porta-voz afirmado posteriormente que o secretário-geral da ONU, António Guterres, apelou à “total transparência” e ao órgão eleitoral que “realize o seu trabalho de forma independente e sem interferências para garantir a livre expressão da vontade do eleitorado”.

A oposição alegou também que a CNE tinha interrompido o envio de dados das assembleias de voto para o órgão central, impedindo assim o processamento de mais votos.

O governo também foi acusado de fraude eleitoral no passado, o que negou. O governo de Maduro controla quase todas as instituições estatais, incluindo a CNE, que foi acusada em 2017 de manipular os números da participação eleitoral por uma empresa de software que fornecia a tecnologia de votação. A CNE negou anteriormente a afirmação.

A CNN entrou em contato com a CNE para comentar o assunto na segunda-feira. O órgão ainda não abordou as alegações da oposição.



Manifestantes vão às ruas de Caracas protestar contra anúncio de vitória de Nicolás Maduro em eleição presidencial / <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lider-da-oposicao-da-venezuela-convoca-atos-em-assembleias-em-todo-pais/>

Como os venezuelanos estão reagindo?

Embora os apoiadores de Maduro tenham comemorado a sua vitória em partes de Caracas, a segunda-feira foi marcada por protestos mais amplos da oposição.

Em Caracas, centenas de pessoas marcharam pelas ruas, agitando bandeiras venezuelanas e gritando “Liberdade!”.

Vídeos de todo o país, de Charallave a Caucagüita, mostram multidões batendo suas panelas – uma cacofonia tão alta que pode ser ouvida de longe em toda a cidade.

As equipes da **CNN** testemunharam dezenas de soldados da guarda nacional com equipamento de choque reprimindo os protestos, em sua maioria pacíficos, com gás lacrimogêneo e cassetetes.

“Queremos paz para a Venezuela, para os nossos familiares”, disse um manifestante, que optou por não ser identificado.

González e Machado pediram que os protestos continuassem nesta terça-feira (30).

Maduro condenou os protestos na segunda-feira, dizendo que o seu governo “sabe como enfrentar esta situação e derrotar aqueles que são violentos”.

Ele também afirmou, sem fornecer provas, que a maioria dos manifestantes eram criminosos cheios de ódio e que o seu plano foi concebido nos EUA.

Para os venezuelanos este é um território sombriamente familiar. Períodos anteriores de protestos da oposição resultaram em duras repressões por parte da polícia e dos militares, que têm uma longa história de proteção do sistema chavista, inclusive em 2017 e 2019.

O que o mundo está dizendo?

Muitos líderes regionais e mundiais lançaram dúvidas sobre os resultados, incluindo os Estados Unidos – embora alguns dos parceiros da Venezuela tenham apoiado Maduro.

“Temos sérias preocupações de que o resultado anunciado não reflita a vontade ou os votos do povo venezuelano. É fundamental que todos os votos sejam contados de forma justa e transparente, que as autoridades eleitorais partilhem imediatamente informações com a oposição e observadores independentes, sem demora”, disse o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, aos jornalistas na segunda-feira.

Os ministros das Relações Exteriores e gabinetes de vários países europeus, incluindo o Reino Unido e a Espanha, expressaram preocupações semelhantes.

Outros países latino-americanos, incluindo Argentina, Chile, Costa Rica, Peru, Panamá, República Dominicana e Uruguai, recusaram-se a reconhecer os resultados e tiveram o seu pessoal diplomático no país expulso na segunda-feira.

O governo Maduro acusou as nações de serem um “grupo de governos de direita subordinados a Washington, abertamente comprometidos com as mais sórdidas posições ideológicas fascistas”.

Na noite de segunda-feira, a Venezuela suspendeu os voos comerciais de e para o Panamá e a República Dominicana, com o ministro dos Transportes dizendo que a suspensão se devia ao fato de “rejeitar as ações intervencionistas dos governos de direita”.

Alguns dos aliados próximos de Maduro, como a China, Cuba, o Irã e a Rússia, felicitaram rapidamente Maduro.

Como a Venezuela chegou neste ponto?

Outrora a quinta maior economia da América Latina, a Venezuela sofreu o pior colapso econômico de um país em tempos de paz na história recente.

A crise econômica e política provocada pela queda do preço do petróleo – um produto de exportação fundamental para a Venezuela – combinada com a corrupção crônica e a má gestão por parte de funcionários do governo.

A Venezuela sofre agora de escassez crônica de bens vitais e de uma inflação crescente, enquanto os bens disponíveis são demasiado caros para a maioria das pessoas – obrigando milhões a fugir, incluindo milhares que viajaram para norte até à fronteira sul dos EUA.

Durante anos, os EUA e a União Europeia impuseram sanções punitivas ao regime de Maduro, que ele culpou pela crise, dizendo que a Venezuela foi vítima de uma “guerra econômica”.

No ano passado, Maduro prometeu realizar eleições justas e livres em troca do alívio das sanções, em negociações mediadas pelos EUA. Mas depois das eleições de domingo, as acusações de fraude lançam agora dúvidas sobre se a Venezuela conseguirá regressar à cena internacional.

Fonte: cnnbrasil.com.br